

Umberto
Alé os/s

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO

Dramaturgia Infantil

Raimundo Matos

ADAPTAÇÃO: LUIZ EDUARDO CRESCENTE E
JULIO CESAR CONTE

ADAPTAÇÃO DA LENDA DO M'BOITATÁ DE
LUIZ EDUARDO CRESCENTE E
JULIO CESAR CONTE

LETRAS E MÚSICAS DE OSCAR SINCH

SBAT

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO


REPRESENTANTE NO R. G. SUL



São Paulo/janeiro/1980
Porto Alegre/março/1981

TODOS: (Canção):

Muita atenção
O que é
O que é
Diga aí
Se puder

Muita atenção
O que é
O que é
É uma adivinhação

Será que é
Uma estrela do céu
Que se escondeu
Aqui no meu coração

Será que é só um
Abrço no carnaval
Que a gente deu
No meio da confusão

O que será
Será que é um sabiã
Que vem cantar
Na palma da minha mão

Ou só será
Que esta velha canção
Não vai contar
Nenhuma adivinhação

Será que é
Será que é pura anarquia
Será que é mera ilusão

Quando será
Será de noite
Ou de dia
Será tomando café

Será que era
Uma vez
Um país
Que era feliz
Quando era
O que quis

Como será
Que se chama a invenção
Que anda voando
Que nem um grande avião
Quem sabe um sonho
Depois que a gente acordou
Quem sabe a voz
Depois que a gente falou

Quem sabe, sabe
Quem não sabe
Quem não sabe
Que se sabe
Que se sabe
É preste muita atenção.



Cantador 1 - Boa Noite minha gente.
Cantador 2 - Bom dia flor de dia.
Cantador 1 - Sou cantador de muita prosa.
Cantador 2 - Eu faço verso e reverso.
Cantador 1 - Eu conto um conto.
Cantador 2 - Eu aumento um ponto.
Cantador 3 - Eu faço disso meu sustento, rolo no tempo sem tempo.
Cantador 1 - Sou matreiro.
Cantador 3 - Sou ligeiro.
Cantador 1 - Sou rasteiro.
Cantador 3 - Sou cabreiro.
Cantador 2 - Estamos aqui em vossa presença prá contar velhas estórias.
Cantador 1 - Encontradas na memória deste mundão por aí afora.
Cantador 2 - Sete léguas de sertão.
Cantador 3 - Sete léguas a beira mar.
Cantador 2 - Fui ouvindo.
Cantador 3 - Fui guardando.
Cantador 2 - Fui anotando.
Cantador 3 - Fui gravando.
Cantador 1 - Vou passando tudo nesse instante, quem quiser me escutar.
Cantador 2 - Vã abrindo o coração.
Cantador 3 - Desinatupindo os ouvidos.
Cantador 2 - Prestando muita atenção.
Cantador 1 - Cada estória é uma estória, tem bicho que fala.
Cantador 2 - Cangaceiro.
Cantador 1 - Foge que anda.
Cantador 2 - Noite sem fim.
Cantador 1 - Estória de amor.
Cantador 2 - E homem vestido de mulher.
Cantador 3 - É o povo brasileiro que vos fala nessa hora.
Cantador 2 - Tudo aqui é permitido.
Cantador 3 - Prá quem faz.
Cantador 2 - Prá quem vê.
Cantador 3 - Seu aplauso é o nosso querer.



Cantador 1 - E lá vai a primeira estória. É uma estória muito interessante. Eu ouvi quando criança sentado na soleira de casa, numa noite de lua cheia. Tem Rei, Rainha e Príncipe. É o Príncipe Lagartão. Era uma vez num país distante uma rainha que vi via desesperada...

RAINHA - Eu não aguento mais esta espera de esperar um fi-
lho. Todos no reino têm um, dois, três, quatro, a
tô dez filhos, eu não tenho nem um só. Sem pra
fazer remédio. Ai! Como sou infeliz... Eu quero
um filho!. Eu quero um filho! Nem que seja um la-
gartão.

CANTADOR - Nove luas se passaram e a rainha engravidando. Ne-
ve meses se passaram e o herdeiro nasceu. Era um
lagartão bem verde, e como era filho do rei foi
tratado como príncipe, com berço macio e confer-
to. Sucedeu porém um fato...

RAINHA - Clotilde! Ô Clotilde! Onde andarã esta ans? Clo-
tilde!

CLOTILDE - Pronto senhora, aqui estou.

RAINHA - Você foi escolhida como ama de leite do príncipe.
Está na hora da sua primeira mamada.

CLOTILDE - (Pega o príncipe no berço) Sururú mandú! Sururu
mandú! mandú!

RAINHA - Muito cuidado Clotilde! Ele é muito pequenino, e
seu bichinho lindo!

CLOTILDE - Tem mãe que é cega mesmo. Onde já se viu dech
na coisa dessa de linda. Esse bicho
dessa nenhuma.



- RAINHA -** O que é que você falou Clotilde?
- CLOTILDE -** Nada não, senhora, nada não. (Clotilde dá o peito para o príncipe mamar.) Aiiiiiiiiiiiiiiiiiii... uiiiiiiiiiiiiiii...ai!
- RAINHA -** O que foi peste? Tá ficando maluca? Desse jeito você assusta meu filho.
- CANTADOR -** Foi um Deus nos acuda a partir daquele dia. Todas as anas do palácio foram mordidas pelo Lagartão; a primeira gritou, a segunda desmaiou, a terceira saiu correndo, a quarta perdeu a voz, a quinta, coitada, ficou sarolha e a sexta ficou careca. Ia ficando o palácio sem gente.
- RAINHA -** Iste não pode continuar assim! Hermenegildo, você precisa tomar uma providência. O meu filho não pode morrer de fome.
- REI -** Calma Ermengarda, calma. Se você fica nervosa a situação pode piorar.
- RAINHA -** Faça alguma coisa. Baixe um decreto, um pacote, obrigando as mulheres do reino a amamentar o herdeiro do trono.
- REI -** Vou pensar numa solução.
- RAINHA -** Pensando morreu um gato.
- REI -** Vou oferecer um prêmio e bens ordenados a quem for capaz de amamentar o príncipe lagartão.
- CANTADOR -** Ferto do palácio moravam três moças órfãs, honestas e trabalhadeiras.
- JOANA -** Eu sou Joana. Sei bordar e sei fiar.



- ANTONIA - Sou Antonia. Sei de cor a tabuada, sei somar e dividir.
- MARIA - Sou Maria e mais pequeninha.
- JOANA - Boa como uma fada!
- ANTONIA - Paciente como Jô!
- MARIA - Sabe gurias, vou ao palácio falar com a rainha. Ela anda muito aflita coitada, precisa de uma ajuda.
- JOANA - Cuidado com o lagartão!
- MARIA - Bom dia dona rainha. Tou aqui pra criar o seu filhinho.
- RAINHA - Olhe, menina o perigo que está correndo. Mas vamos lá! Você tem leite para amamentar o lagartão?
- MARIA - Rainha, minha senhora, mande fazer uma armação de ferro na forma de um seio. Enchemos essa forma com leite e o príncipe pode mamar sem machucar ninguém.
- CANTADOR - Maria deu de mamar ao príncipe lagartão, que ficou com as gengivas machucadas de tanto fazer o que fizera com as outras mulheres. Mamou, mamou, ficou satisfeito e adormeceu. O palácio sessegou e o tempo foi passando. O príncipe lagartão cresceu e tinha os olhos e a voz humana...
- LAGARTÃO - Minha mãe, quero falar com a senhora.
- RAINHA - Pois fale meu filho, abra o seu coração.
- LAGARTÃO - Estou na idade de casar, quero uma esposa para mim.



- RAINHA -** Hermenegildo, o menino quer casar! O que é que vamos fazer?
- REI -** Vou colocar um anúncio pelo reino, chamando todas as moças ao palácio para o meu filho escolher a sua noiva. (Para o Cantador) Ei! Você aí!
- CANTADOR -** Chamou majestade?
- REI -** Chamei sim, não ouviu?
- CANTADOR -** Pode falar majestade. Sou todo ouvidos, narizes e boca.
- REI -** Deixe de gracinha. Leia este decreto pelo reino, de ponta a ponta.
- CANTADOR -** De que se trata?
- REI -** Do casamento do meu filho, mas deixe de ser curioso e vá andando.
- CANTADOR -** Acho uma besteira colocar este anúncio, mas se o senhor ordena, lá vou eu. Éta missão ingrata!
- REI -** Ande depressa seu paspalho!
- CANTADOR -** Por ordem de sua majestade Hermenegildo V todas as moças na idade de casar devem comparecer ao palácio, para que o príncipe Lagartão, herdeiro deste reino, possa escolher a sua futura esposa.
- RAINHA -** Filho, você tomou banho? Lus-trou a sua pele?
- LAGARTÃO -** Fiz tudo como a senhora mandou, mas acho que isso não resolve, até agora não apareceu ninguém.



- REI - Ainda é cedo. O reino é muito grande e a notícia não se espalhou por todos os cantos. Espere, e ainda hoje você terá a sua noiva.
- RAINHA - Estou com um pressentimento de que você vai ficar no barricão meu filho, mas não têm importância, não. Ficar solteiro não é o fim do mundo.
- LAGARTÃO - Não tem importância pra senhora, mas eu quero uma noiva. Mande chamar Maria a moça que me criou, pergunte a ela se quer casar comigo.
- CANTADOR - Maria pediu três dias para pensar e voltou ao palácio aceitando a proposta. Fizeram o casamento. Houve banquete, e lá para as tantas da noite os noivos foram para o quarto. Logo que entraram o lagartão soprou a vela e ficou nas trevas. Apesar da escuridão, Maria reparou que o marido estava no meio do quarto e ia tirando uma por uma das sete capas. Quando arrancou a derradeira, estava um homem perfeito. Maria fingiu nada tinha acontecido. Os dias foram passando e não trouxeram novidades. Até que Maria não aguentou e contou tudo para a rainha.
- RAINHA - Não diga?
- MARIA - Digo!
- RAINHA - Ora vejam!
- MARIA - Pois era!
- RAINHA - E agora?
- MARIA - Ora belas.



- RAINHA - Que bolas que nada, vista sete camisas brancas, molhadas n'água de laranjeira.
- MARIA - E daí?
- RAINHA - Quando for para o quarto, fique na beira da cama sem mudar de roupa. O príncipe há de perguntar porque você não troca de roupa... (A conversa será ouvida pelo público em partes).
- MARIA - Sei. Vou fazer tudo como a senhora mandou e muito mais.
- RAINHA - Tome esse espinho e guarde com muito cuidado.
- MARIA - E se ele brigar comigo?
- RAINHA - Você briga com ele.
- MARIA - Hoje mesmo executo o plano. Boa noite!
- RAINHA - Não esqueça de estirar a mão para ele. Boa noite! Faça o que lhe digo e seja feliz.
- CANTADOR - E Maria, se melhor ouviu, melhor faz. De noite, na hora de dormir sentou na cama vestida da cabeça aos pés.
- LAGARTÃO - Ô Maria, você não vai dormir?
- MARIA - Agora não.
- LAGARTÃO - Você está com uma cara muito esquisita. Algum problema?
- MARIA - Não. Ah! Estou pensando umas coisas.
- LAGARTÃO - Que coisas?



E eles se tornaram um casal muito feliz. E as
sim termina essa estória.

TODOS: (CANÇÃO):

Todo mundo já ouviu
A história que eu contei
Tem um bicho
Que é um bucho
Mas num luxo
Que nem sei

Tem um nanto
Com encanto
Da rainha
De um rei

Mexe tudo
Na panela
Sai fumaça
Sai aquela
Tal donzela
Que é a bela
Ele e ela
Vão reinar

CANTADOR - Agora vou lhes contar um caso que sucedeu lá
pras bandas de sem fim.
Uma estória de bicho, gente e coisas!

ATOR - Bicho, gente e coisas? Tudo junto compadre?
Ih!? Deve ser engraçado.

CANTADOR - Não é bem uma estória, é uma cantiga de roda.

ATOR - Então pode começar que o terreiro é todo meu.



TODOS: (CANÇÃO COM BONECOS):

Estava a velha no seu lugar
Veio a mosca lhe fazer mal
A mosca na velha e a velha a fiar
Estava a mosca em seu lugar
Veio a aranha lhe fazer mal
A aranha na mosca a mosca na velha e a velha a fiar
Estava a aranha em seu lugar
Veio o rato lhe fazer mal
O rato na aranha, aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar.

Estava o rato no seu lugar.
Veio o gato lhe fazer mal
O gato no rato, o rato na aranha, aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar.

Estava o gato no seu lugar.
Veio o cachorro lhe fazer mal.
O cachorro no gato, o gato no rato, o rato na aranha, a aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar.

Estava o cachorro no seu lugar.
Veio o pau lhe fazer mal.
O pau no cachorro, o cachorro no gato, o gato no rato, o rato na aranha, a aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar.

Estava o pau no seu lugar
Veio o fogo lhe fazer mal
O fogo no pau, o pau no cachorro, o cachorro no gato, o gato no rato, o rato na aranha, a aranha na velha e a velha a fiar.

Estava o fogo no seu lugar.
Veio a água lhe fazer mal.
A água no fogo, o fogo no pau, o pau no cachorro, o cachorro no gato, o gato no rato, o rato na aranha, aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar.

Estava a água em seu lugar
Veio o boi lhe fazer mal
O boi na água, água no fogo, o fogo no pau, o pau no cachorro, o cachorro no gato, o gato no rato, o rato na aranha, aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar.



Estava o boi no seu lugar

Veio o homem lhe fazer mal

O homem no boi, o boi na água, a água no fogo, o fogo no pau, o pau no cachorro, o cachorro no gato, o gato no rato, o rato na aranha, aranha na mosca, a mosca na velha e a velhana fiar.

CANTADOR - Apanhou até São Jorge que é Santo Valente e guerreiro.

ATOR - Mas de onde aprendeu esta estória de compadre.

CANTADOR - Esta estória vem de longe, vem rolando da boca da avô, passa do filho pro neto, não sai da memória. Nem o tempo sabão da mente apaga a tradição.

ATOR - Espere aí mestre cantador, não vá saindo do fininho. Quero lhe fazer uma pergunta.

CANTADOR - Estou aqui pra responder.

ATOR - Será que vosnicô responde a pergunta que lhe faço? Por que o cachorro é inimigo do gato, e o gato do rato?

CANTADOR - Isto é uma briga bem velha, vem dos tempos de antão. Vou lhe explicar de onde veio a confusão.

(Entram em cena uma girafa acompanhada de uma GALINHA).

Olhe moço, preste atenção! A conversa que se segue é o começo da narração.

GIRAFA - Comadre Galina, faz um tempão que a gente não se vê.

GALINEA - É a vida comadre, Tenho vivido numa correria constante. São ovos para chocar, ~~carreiros para~~



limpar e outras coisas que não me deixam sair para uma visitinha, a senhora compreende...

GIRAFA - É verdade eu também tenho as minhas ocupações. Esta semana foi de correrias e atropelos. Fui três vezes lustrar o pelo, cuidar dos cascos e etcetera, etcetera...

GALINHA - A comadre anda muito ocupada mesmo...

GIRAFA - Sem falar no ché que eu fui em casa da pata Valpúrgia.

GALINHA - O que a senhora me diz da convocação que o rei Leão enviou a nós?

GIRAFA - Isso eu não sei. Coisas de governante. Esta assembléa promete muito. Poderá rever velhos amigos, etcetera, etcetera.

GALINHA - Estou ansiosa para saber alguma coisa. (Entra o sapo).

SAPO - Bom dia encantadoras senhoras! Andaram madrugando!

GIRAFA - Levantar com o sol nascendo é um bom remédio para manter a forma senhor sapo.

GALINHA - E deixar a casa em ordem.

SAPO - Eu também levantei com o sol minhas senhoras. Fiquei um bom tempo na estrada para ver se pegava uma carena de algum bicho, mas não passou nenhum. E se não fosse meu clube eu não sei se eu conseguia aguentar tanto esfoço.



GALINHA - Olhe mestre sapo, tome um chãzinho de que bra-pedra, é muito bemprra circulação do sangue.

GIRAFÁ - Que coisa mais antiquada comadre. A melhor' receita são uns comprimidos que tenho, coisas da medicina moderna.

GALINHA - Não acredito nestas coisas comadre. Não a-bro mão das ervas medicinais.

SAPO - As senhoras estão sabendo o motivo da reuni-ão? Ouvi dizer que teremos grandes novida-des.

CANTADOR - O dia foi correndo manso e fagueiro e a bi-charada foi se reunindo na maior clareira ' da floresta. Todos os- animais foram conve-cados e ninguém queria perder a reunião. Com ansiedade e muita confusão esperavam o rei Leão.

(Antes da entrada do Leão poderá existir u-ma improvisação utilizando-se das vozes características dos animais para criar um cli-ma de agitação).

LEÃO - Bichos do meu país, e de todo o mundo. Esta-mos aqui para decidir o destino da nossa ra-ça, tão perseguida e em via de extinção. Pa-ra isso tome uma medida, que sei, será de a-grado de todos. Quero anunciar que resolvi' libertar todos os- bichos, passando carta de alforria a todos para possam ir a qual-quer lugar sem prestar satisfação a ninguém. De hoje em diante todos os bichos terão a liberdade de ir e vir ao seu bel prazer.

CANTADOR - Houve muita contenteza entre os animais.



leão chamou os bichos mais ligeiros e entregou cartas de alforria para ir dando aos animais que não puderam comparecer à reunião. Chamou o gato e deu a ele a carta do cachorro. O gato saiu numa carreira danada. No caminho encontrou o rato que estava entretido bebendo mel.

RATO - Olá camarada gato! Pra onde vai nesse corre-corre sem fim?

GATO - Vou entregar ao amigo cachorro sua carta de alforria.

RATO - Deixe de vexame! Descanse e beba esse melinho gostoso.

GATO - Não posso meu amigo. O dever é mais forte.

RATO - Não seja bôbo amigo gato, cinco minutos de descanso e um dado de prosa, não vai atrapalhar a sua vida nem a de cachorro.

GATO - Já que o amigo insiste, vou aceitar um pouco de mel.

CANTADOR - O gato lambou o mel, tanto lambou e gostou que acabou enfarado e dormindo. O rato muito curioso, foi xeretar a bruaca que o gato trazia a tiracolo e encontrou os papéis.

RATO - Éta papelzinho gostoso! Tã com um cheiro apetitoso. Será que o amigo gato me daria um pedaço pra eu roer?... e se ele não quiser dar?... Ache que vou dá uma roidazinha aqui no canto... Um! que bom!... Há muito tempo que não encontro um papel tão gostoso... Mais um pedacinho e pronto.



- CANTADOR - O rato meteu o dente, roendo, roendo, roendo e deixou tudo virado em bagaço. Vendo o que fizera, fez um bolo e sacudiu dentro da bruxa e ganhou a nata.
- GATO - Eta sono bom, até sonhei gostoso. Iiii gente, tá na hora de botar os pés na estrada e seguir viagem.
- CANTADOR - E lá se foi o gato numa carreira desabalada até encontrar o cachorro.
- GATO - Amigo cachorro prepare-se para receber a sua carta de alferria.
- CACHORRO - Muito obrigado amigo gato por ser portador da minha liberdade. Deixa eu ver a minha carta.
- GATO - Aqui está companheiro.
- CACHORRO - Amigo gato, isso aqui é um monte de papel roído, não posso ler nada. Como é que eu vou provar ao bicho homem que agora eu sou livre? Isso não tem cabimento amigo gato.
- GATO - Desculpe, amigo cachorro.
- CACHORRO - Não tem desculpa nem upa. Vou te pegar e te dar uma pisa.
- GATO - Ah se eu encontro aquela pestinha do rato!
- CACHORRO - Que rato que nada. Vou lhe dar uma surra pelo resto da vida.
- GATO - Pernas pra que te tenho! (Sai correndo e o cachorro atrás).



CACHORRO - Gato de uma figa eu te mato, faço do teu couro tamborim.

GATO - Rato de uma figa eu te esgano.

RATO - Que culpa tenho eu? O papel estava tão gostoso!

CACHORRO - Gato malandro, não vou deixar você em paz!

GATO - Rato safado eu te pego na curva da estrada!

RATO - O papel é que é o culpado de tudo isso. Eu não aguento essa correria sem fim.

CANTADOR - E até hoje, cachorro, gato e rato são inimigos até debaixo d'água. Tá explicado seu moço?

ATOR - Tá sim senhor!

TODOS:

Eu rei assim
Miau miau miau miau
Eu miei assim
Au au au au
Eu lati assim
Roc roc roc
Mia mia mia miau
Au au au au

Eu olhei prá ti
Roc roc roc
Tu também prá mim
Miau Miau Miau Miau
Ele olhou prá nós
E fez assim
Au au au au
Au au au au



Ah! Se ele me pegar
Não vai sobrar
O que lambar e nem
O que cheirar

Eh! Deixa eu me esconder
Se eu chego perto
Ele se baba
E ô de arrepiar

Oh! Mas não levanta pó
Se eu não te caço
Vão dizer
Que eu sou só um bocô

CANTADOR - Minha gente, agora vou contar uma estória
lã das bandas do sertão. É uma estória cheia
de muita ação.

ATOR - Deixe de muita falação, companheiro! Entre
logo na questão, tô todo mundo esperando, e
eu não atrazo a função...

CANTADOR - Éta moleque apressado!

ATOR - Sou moleque e Capitão, estou querendo sa-
ber a estória do Lampião.

CANTADOR - Pois tome lã companheiro. Foi no mês de Fe-
vereiro que Lampião chegou no inferno, cau-
sando grande revolução...

ATOR - Uê companheiro, essa eu não sabia!

CANTADOR - Pois ô, numa manhã ensolarada, Lampião ba-
teu no portão do inferno.

VIGIA - Éta! Nem se podertirar um cochilo!



- LANPIÃO - Isso é hora de tirar cochilo seu preguiçoso! Abra logo este portão.
- VIGIA - Quem é você, cavalheiro?
- LANPIÃO - O meu nome é Lampião, cangaceiro do sertão. Trago no peito a estrela do norte.
- VIGIA - Diga logo o que deseja, não tenho tempo a perder.
- LANPIÃO - Abra o portão, quero entrar.
- VIGIA - Que sujeito mal educado! Licença ainda se usa moço! Grosseirão de uma figa!
- LANPIÃO - Me respeite seu moleque, que hoje eu estou de pouca conversa.
- VIGIA - Espere um momento, vou conversar com o chefe. Conforme o que ele disser eu deixo o senhor entrar.
- LANPIÃO - Vê logo, anda depressa. Diga ao seu chefe que se eu não entrar uno tudo de ponta a cabeça.
(O vigia deixa Lampião no portão e vai falar com o chefe).
- VIGIA - Chefe! Lá no portão tem um tal de Lampião dizendo que quer entrar.
- CHEFE - Diga a ele pra se mandar, e inferno está lotado de gente ruim. Lampião é um bandido e vai desmoralizar a nossa propriedade.
- VIGIA - Mas chefe o homem tem o sangue quente quer entrar de qualquer jeito.



- CHEFE -** Ora! Feche o portão com sete chaves, ponha vinte cadeados. Prepare um batalhão com armas e munição. Vamos dar uma lição neste cabra Lampião... Vai lá... Vai lá...
- CANTADOR -** Foi um corra corre no inferno neste dia. Formou-se o batalhão com muita arma na mão. Marchavam com valentia, comandados por Miguelão o mais valente de todos.
- PELOTÃO -** Marcha soldado
Cabeça de Papelão
Quem não marchar direito
Cai na ponta do facão.
- LAMPIÃO -** Éta que a briga é das boas. Vou fazer da diabada uma boa marmelada. Quero ver quem é valente pra esta briga enfrentar.
- CANTADOR -** E lá se foi o batalhão pra defender o portão. Ouviu-se o primeiro tiro na avenida central e bala voava alto pra cima de Lampião.
- LAMPIÃO -** Lá vem diabo, lá vai bala!
(A luta entre Lampião e o batalhão pode ser feita como uma dança).
- CANTADOR -** A briga estava fervendo, quando acabou a munição.
- ATOR -** E daí companheiro, o que é que a diabada fez?
- CANTADOR -** A diabada pulava e gritava que nem macaco.
- CAMBOTA -** Cospa-Fogo, desgraçado, corre na cozinha tudo que encontra



garfo e colher, traz sabão e pimentão.

- COSPE-FOGO -** Vou num pé e volto no outro. Vou num pé e volto no mesmo, não?
- CAMBOTA -** Deixe de conversa fiada que a luta não pode parar. (Sai Cospe-Fogo).
- LAMPIÃO -** O que é que houve minha gente? Perderam a coragem? Eu só saio daqui quando acabar com o batalhão.
- CAMBOTA -** Prepare-se cabra da peste para outra confusão.
- COSPE-FOGO -** (Entrando com a cozinheira atrás dele). Aqui estão as armas pra acabar com o batalhão.
- COZINHEIRA -** Moleque safado,, me dá a minha colher de mexer feijão.
- CAMBOTA -** Cozinheira entre no batalhão que a luta vai recomeçar.
- COZINHEIRA -** Frente comandante! Agora a ripa vadeia e couro come. (Recomeça a luta).
- CANTADOR -** A briga recomeçou, na base do tapa e colherada. A pecira cobria tudo, ninguém via Lampião. O batalhão apanhava, parecia um pastelão.
- ATOR -** Será que esse batalhão inteiro, não acabou com ele?
- CANTADOR -** É não havia jeito de acabar com Lampião. Quando a coisa estava feia veio o chefe, por um fim naquela desolação.
- CANTADOR -** O pelotão esfarrapado bateu logo Lampião não viu com quem brigar, logo foi



retirando, não dando mais notícias prã essas bandas de cã.

- ATOR - Éta cabra da paste companheiro.
- CHEFE - Minha gente vamos bater em retirada, assim ' não sobra ninguém prã contar esta estória. Não hã diabo que acabe com Lampião. Vamos!
- CANTADOR - O pelotão esfarrapado bateu logo em retirada. Lampião não viu com quem brigar logo foi se retirando, não dando mais notícia pra essas bandas de cã.
- CHEFE - Minha gente, o prejuízo foi de arruinar. Qua se que se acaba o inferno, a nossa proprieda de.
- CAMBOTA - Quebrou-se muita janela, muita panela e fogão.
- COSPE-FOGO - Queimou-se todo o dinheiro que lã no bando ' havia.
- COZINHEIRA - Sumiram as colheres, perdeu-se todo o feijão.
- CHEFE - Que triste situação!
- VIGIA - Eu vou pedir transferência, não fico mais no portão.
- CANTADOR - E assim termina essa estória cheia de anima- ção, mas tenho que vos dar uma outra explica ção: Lampião, no inferno não entrou no céu ' também não ficou, por certo está no sertão.

(ENTRA MÚSICA, TODOS CANTAM).



TODOS:

Eu vim do confin de lã
De Pernambuco
Ou de qualquer lugar

Eu vim mas foi prá ficar
Vim de trabuco
Faca e pé no ar

Procurei o meu padrinho
Que me deu esse apelido
Mas caiu, foi engolido
Num grande redencinho

Merena
Deixa eu viajar
Prá bem longe
Prá beira de céu
Quero ver se adivinho
Quantas ondas tem o mar
Se a espuma é de linho
Ou a lua é de papel

Menina
Deixa eu desejar
Que a primeira ave que voar
Lã no céu do seu caminho
Leve o canto do sertão
Cuja terra como o espinho
Rasga o nosso coração

Repete refrão inicial.

CANTADOR - Agora prá encerrar vou contar uma estória
que aconteceu por aqui.

ATRIZ - Paraí! Por aqui aonde?



- CANTADOR - Aqui nos pagos do Sul, tche!
- ATOR - Então continua.
- CANTADOR - O que continua é a noite, e muda agora o chão.
- ATOR - Como foi?
- CANTADOR - Foi assim: nesta coxilha solta no mundarêu ' baixou um escuro tão escuro que até cego se perdeu. Aquele que via um pouquinho bem pequeno jurava que a luz do dia tinha se ido para sempre.
- ATOR - Mas barbaridade!!
- CANTADOR - Os homens ficaram abichornados e tristes. De churrasco que é bom, nada. Não sobrava labareda nem fogo nos fogões. Só sobrava pra se comer uma canjica ralinha e sem gosto.
- ATO - E depois, tche, conta o final!
- CANTADOR - Calma que a estória mal começou. Lá fora a noite velha ia andando... ia andando...
- CANTADOR - (Ao redor do fogo, tocando um violão, uma toada).
- No escuro e no silêncio
resta meu canto perto
e longe e quero-quero
biche valente e teimoso
e tudo quieto de movimento nada
foi assim na tarde em que o sol apareceu pe
la última vez.
- ANASTÁCIO - Compadre, tá vendo que o sol
sexta dia que o sol sai mais
ca disse que desta vez é pra



- HONÓRIO - Besteira Compadra, ela sempre erra tudo. E tu nem parece homem, tã encagaçado com o parlavreado da Vêia Coroca.
- ANASTÁCIO - É Compadre, mas- o ar tã mais parado que guri sagado. E o sol saiu pros lado do minuaço, atrás da coxilha. Opa, quem vem lá não é o Coronel, tche?
- HONÓRIO - Mas bã se não. Ele mesmo e a filha.
- ANASTÁCIO - Aquela chinoca lindaço é filha do coronel?
- HONÓRIO - Mas bã se não. Não põe os olhos nela que o Coronel não gosta.
- ANASTÁCIO - Nesta escuridão não dá prá ver mesmo...
- HONÓRIO - Tô preocupado com meu galo Zacarias que anda dormindo demais.
- ANASTÁCIO - Zacarias é galo campeão. Um galo de crista ' erguida.
Buenas e me espalho.
- CORONEL - Teu galo é preguiçoso. Tã precisando de rinha. Tã desafiado.
Opa hoje vai ter rinha.
- ANASTÁCIO - Ala putcha!
- FILHA - Aposto no galo do papai.
- HONÓRIO - Cinquenta mil réis no Zacarias.
- HONÓRIO - Aceito o desafio. Pode botar dinheiro na mesa que já ganhei.



TROVOADA, INICIA CORRE-CORRE.

- CORONEL - Atenção pessoal, pode ficar que não vai chegar. (Começa a chover).
Calma que é chuva fina e passa logo. (aumenta a chuva).
Já vai parar. (Aumenta chuva, trovoada, Coronel sai).
Esta chuva desgrawada. Te esconjuro.
- VÉIA COROÇA - O bicho vem vindo. Fejam. Ele vem aí! (Passa tocando um sino).
- (Floresta) (Entra a Anta com um Quero-quero em cima do lombo).
- QUERO-QUERO - Tô com medo comadre, não despreze daqui. Nem que me paguem.
- ANTA - Tu é bem mesmo! Bem daqueles!! Até parece louco da cabeça. Quer atravessar lindago sem gastar as penas.
- GRAXAIN - Dona Anta! Dona Anta! Já que tá levando um, leva mais um.
- TATU - Tá flor de macanudo, nem precisa de estribo.
- ANTA - Ai! Ai! Ai! Josta!!! Ai meu lombo. Pode descer, que eu sou anta mas não sou burra. Te apia!!
- QUERO-QUERO - Com esse perigo, a gente precisa ficar tudo junto, né?
- GRAXAIN - Mas vem cá! Aquela lá não é a Dona Anta.
- PUMA - Não precisa correr, eu venho atrás.



car junto também! Essa chuva tá de enargar e acordou o BICHO!!!

TODOS - O BOIGUAÇU!!!

PUMA - Ele mesmo o tinboso!

TATU - Cavi dizer que ele come carniça.

PUMA - A carniça não, sô os olhos do bicho morto.

BOI - Eu jã vi o bicho: Não um pelo que nem eu.

PRIXE - Nem escamas que nem eu.

TATU - Nem casco como eu.

ANTA - Nem couro grosso como o meu prá carregar to do mundo assim como eu.

QUERO -QUERO - Se escapa que ali vem ele!!

VEIA COCOCA - (Batendo sino). Vão fugindo que ele vem aí. É le tã transparente e luminoso. É o BOITATÃ, os olhos que ele nomeu ficaram luz dentro de lo. Como se as estrelas se juntassem numa constelação, e andasse rolando que nem cobra. Eu avisei. Fugam que ele vem vindo. Ele é u-na luz sem fogo. Cuidado. Boitatã. É a cobra do fogo. (Bate o sino e sai).

Entra O BOITATÃ: Sons, ruídos, tema musical.

HONÓRIO - Deixa comigo!

CORONEL - Desta vez me vingo.

HONÓRIO - Faça questão. Comeu os olhos de meu filho!



bém. Pobre Zaca!

ANASTÁCIO - Acho melhor a gente sair daqui. O Boitatã vai cabar grampeando nós tudo. E nesse entre vero vou perde os olhos que ganhei de minha mãe que ganhou da mãe dela... E essa Heci-nha, tinha que fica em casa. É um perigo aqui.

MARGARIDA - Eu que não sou boba, fico em casa e o dragão me pega.

CORONEL - Não é dragão. É Boitatã.

MARGARIDA - Que que é Boitatã?

ANASTÁCIO - É um biche comprido cheio de fogo. É melhor a gente sair daqui.

MARGARIDA - Cheio de fogo é dragão.

CORONEL - Cala a boca menina. Não diz bobagem.

MARGARIDA - Eu quero ver o Dragão Boitatã.

ANASTÁCIO - Vamos embora.

CORONEL - Então vamos.

ANASTÁCIO - Ainda bem, por aqui então Coronel.

CORONEL - Por aí não! Vamos em frente.

HONÓRIO - Vamos-

(Caminham: barulho, silvas de despedida da cobra).

HONÓRIO - Tã euviado Coronel!



- CORONEL - Claro, não sou surdo.
- ANASTÁCIO - Vamos embora que isto já virou problema de igreja. Te escenjure demônio de fogo. Chame o Padre Miguel.
- CORONEL - Padre Miguel se mandou pras missões. Deixa que eu vou na frente. (Sai de cena). (Silêncio)
- HONÓRIO - (Gritando baixinho). Coronel? (Para Margarida e Anastácio). Vou ver e que aconteceu com o Coronel. (Sai de cena) (Silêncio)
- MARGARIDA - Olha, eu acho que tu tens que ir lá.
- ANASTÁCIO - Acha é?
- MARGARIDA - Claro, ou tu tã com medo?
- ANASTÁCIO - Medo, eu não. Mas bã! Aliã queria aproveitã que tamos sã nós e dizer que a muito tempo aprecio a senhorita.
- MARGARIDA - Que beleza, logo um homem tão valente! Vai lá, salva meu pai.
- ANASTÁCIO - Vou, sou valente. Quer que eu vá mesmo?
- MARGARIDA - Vai. (Anastácio sai de cena).
- VÉIA COCOCA - Tã preocupada mocinha. Sã tem dois jeitos de se livra de Boitatã. Fica quieta de olhos fechados e sem respirar até ele ir embora. Ou então ativar o laço nele e puxa correndo a galope. Senão fizer assim a luz amarela pode até cegar.
- MARGARIDA - Aiaiai. Nossa Senhora dos ...



nho do Pastoreio. Todas as virgens do céu ...
(Silêncio).

Entram os três caminhando de costas e a cobra encurralando os personagens. Quando ficam sem saída a cobra morre. Silêncio pouco a pouco vão aparecendo os bichos.

- CORONEL - Morreu de medo de mim!
- MARGARIDA - Obrigado Anastácio. Como é corajoso.
- ANASTÁCIO - Por ti eu faria qualquer coisa.
- HONÓRIO - Mas que gente convencida, tebe. Mas bã se es te bicho não morreu de fraqueza.
- QUERO-QUERO - A cobra comou os elhos da carniça e não tem substância nenhuma.
- ANTA - Brilha mas não alimenta. Se pelo menos comesse uma costela gorda, um puchero ou um carretaíro, vã iã!
- TATU - Que nada, morreu de susto quando elheu prá cara (do Anastácio).
- QUERO-QUERO - Ela tã morta, mortita, mas olha como brilha. Tã um brilho danado!!
- TATU - AH!!! Essa não! Prã mim passaram um lustro nela.
- ANA - Menos mal.
- ANASTÁCIO - Se não brilhasse a gente ficava do Polcuro.



- HONÓRIO - Mas bã se esta luz não volta?
- MARGARIDA - As estrelas e o sol?
- Desânimo de todos, sentam, quero-quero can
ta triste. Começa se mecher algo na barriga
da cobra.
- CORONEL - Olha tche!
- Soboa Cruzeiro do Sul - música.
- MARGARIDA - Nossa Senhora dos Agoniados.
- CANTADOR - Feiz é.
- ATOR - Bonito... O Cruzeiro do Sul. Foi assim que
nasceu?
- CANTADOR - Assim nasceu na nossa estória. Quem conta '
um conto aumenta um ponto.
- ATOR - Peraí. Voltou a luz da noite mas e o dia?
- CANTADOR - Tem pressa mesmo. Não disse que a estória '
terminou.
- ATOR - Não e então? Tô esperando.
- CANTADOR - Ah é! Olha prá trás.
- Surge o sol, guizos, exclamações, hãgo).
- CANTADOR - Assim termina a nossa estória.



Quem conta um conto
Aumenta pu tanto sin
Aumenta mais ue tanto assim
Seja mais lento
Seja mais longo
Nunca tã pronto enfim

Quem suve um conto
Põe un ponto a mais
Cinquenta ou cem por cento
Tanto faz

Em roda do fogo
Ou na luz do dia
Sempre se jura
Que a aurora brilhou
Que o sol jã baixou
Que a história acabou

Quem puxa a corda
Que segura a voz
Quem solta o verso
Que se faz
Forja prá sempre
Uma corrente
Que não teurina
Mais

Quem abre a porta
Quem deixa voar
De ponta a ponta
Um balão de ar

Em volta do fogo
Ou na luz do dia
Sempre ele jura
Que a aurora brilhou
Que o sol jã baixou
Que a história acabou.

